



- Depois de enfrentar duas denúncias do ex-procurador-geral Rodrigo Janot, correndo o risco de perder o poder e sob forte pressão da mídia, o presidente Michel Temer se tornou mais que um sobrevivente. Ele age como o bambu do ditado chinês: “Enverga durante a tempestade, mas não quebra”. A fraqueza de Temer tem sido sua fortaleza e ele sabe que o único caminho a seguir é o das reformas. Fez a reforma das leis trabalhistas, está viabilizando a Reforma da Previdência e tem tudo para iniciar a Reforma Tributária.
- Experiente, profundo conhecedor das manhas e artimanhas do Parlamento, o presidente da República sabe que o tempo é curto e atuará para aprovar o possível. Mesmo assim, o possível já seria muito para um país onde a Previdência, bancada por muitos, garante sobrevivência digna a poucos. A questão tributária, sanguessuga de boa parte das energias do setor produtivo, precisa ser no mínimo encaminhada para que os nós, como PIS/Cofins e ICMS, comecem a ser desatados. Se conseguir dar um passo em direção desses avanços, terá um legado a deixar, porque terá realizado em dois anos progressos que os dois últimos presidentes não conseguiram fazer em 13.
- Desde que chegou à Câmara dos Deputados como suplente na Constituinte, Temer nunca perdeu uma parada dura. Enfrentou e venceu Antônio Carlos Magalhães; foi presidente da Casa três vezes; vice-presidente duas vezes contra a vontade de Lula; presidente do PMDB por mais de 15 anos contra a

vontade de Sarney, Renan Calheiros e Jader Barbalho; derrubou Dilma; enfrentou Rodrigo Janot, a Lava Jato e o mau humor de Rodrigo Maia; e continua de pé brigando pela pauta que anunciou no dia da posse.

- No auge da crise da segunda denúncia, foram muitas as previsões sobre o provável esvaziamento de Temer e o empoderamento cada vez maior de Rodrigo Maia. Temer fez uma aliança com Aécio Neves quando precisavam um do outro para sobreviver. Acenou ao PP do senador Ciro Nogueira e cozinhou o PSDB até que ele rachou em meio à maior crise desde sua fundação. Nomeou o deputado goiano Alexandre Baldy, sem partido, mas com muitos padrinhos, para o Ministério das Cidades. E convidou o relator da CPI da JBS, Carlos Marun (PMDB/MS), para a articulação política, o qual aparentemente desistiu da reeleição. Resultado: engoliu Rodrigo Maia.

- Até abril, prazo final para a desincompatibilização dos ministros candidatos, Temer fará o esforço final para impor sua agenda. Até lá teremos os recessos de fim de ano, janeiro, Carnaval e Semana Santa. Com muita boa vontade, o Congresso consegue funcionar até junho. Serão no máximo 90 dias de trabalho antes que a campanha eleitoral ganhe definitivamente as ruas.

Fonte: FECOMERCIO

Nota: Em caso de dúvidas, pedimos a gentileza de entrar em contato através do e-mail: sicap@andap.org.br, ou preenchendo o formulário de consulta em nossos sites: www.andap.org.br ou www.sicap-sp.org.br